

Poemas de Eduardo Silveira e Camilo César

*Eduardo Silveira e Camilo César,
com apresentação de Rubens da Cunha*

Uma das características da poesia contemporânea é a fragmentação de estilos, de influências, de vozes. Além disso, quando se pensa na extensão territorial brasileira, outra característica é a quantidade de poetas que atuam de forma mais local. Apesar de todas as ferramentas tecnológicas que podem ampliar as vozes, que podem levar os poemas a públicos diversos e distantes, ainda é muito difícil um jovem poeta conseguir, digamos, se nacionalizar, fora dos prêmios, das instituições literárias mais clássicas, das influências midiáticas de sempre, ou fora do eixo Rio-São Paulo, ainda um determinante da formação canônica.

A Revista Trilhos nasce com o intuito de ser um espaço agregador de conhecimentos, pensamentos e artes diversas, sobretudo, aquelas que estão fora dos sistemas canônicos ou dos centros econômicos e culturais. Por isso, nesse número inicial, escolhemos dois jovens poetas que, apesar de estarem em pontos cardinais opostos, apresentam características comuns: tem em torno de 30 anos, são poetas independentes, possuem uma linguagem ou uma digital poética bastante contundente e diversa.

Do Recôncavo Baiano vem Camillo César Alvarenga, que é mestre em Sociologia (PPGS/UFPB) e especialista em Estudos Étnicos e Africanos (ISCTE-IUL). É um poeta-pesquisador que investiga as transformações cosmológicas e ontológicas ameríndias e africanas na modernidade. É autor de *Scombros* (Edufrb, 2012), *Macumbe-se* (Kza1, 2018) e *Flor de Búzios* (no prelo). Camillo apresenta uma poética marcada pela ancestralidade africana, mas, ao mesmo tempo, interligada a elementos linguísticos e rítmicos bastante contemporâneos. É uma poesia que não deixa nunca de olhar o passado, ou melhor, propõe aquilo que Édouard Glissant chamava de “visão profética do passado” para, com isso, entrar em sonância, dissonância, consonância com o tempo presente. A agudez dessa poética transita entre a delicadeza, o tremor, a denúncia e o orgulho da ancestralidade, da tradição, das lutas e das rupturas que um jovem poeta negro tem que enfrentar.

Do norte catarinense, vem Eduardo Silveira é professor de literatura e de língua portuguesa. Em 2017, publicou seu primeiro livro de poemas, *Calopsita*. Em 2019, chegou ao segundo livro: *Tamanduá/bandeiras*. Eduardo apresenta uma linguagem fragmentada, irônica, capaz de se conectar tanto a experiências

literárias como o modernismo, sobretudo de Oswald de Andrade, quanto a poesia marginal comum aos anos de 1970. Além dessas fontes, Eduardo também trabalha com o ritmo e a sintaxe própria da escrita feita na internet. Rapidez, ritmo, um afrontamento a certas regras gramaticais, um tom que denuncia, muitas vezes por um sarcasmo profundamente lírico, as desigualdades, misérias ou a condição falível da humanidade. Tudo isso feito com um mergulho poético no cotidiano, no banal, nas coisas mais corriqueiras, no entanto, sem nunca diminuir esse cotidiano, sem condená-lo, pelo contrário, trazendo o banal para si e transformando-se, como diria Manoel de Barros, em matéria de poesia.

Para essa edição, selecionamos 3 poemas de cada poeta. Os poemas de Eduardo Silveira estão publicados em seu livro *Tamanduá/bandeiras* e demonstram sua forte ironia, sua forma aparentemente despojada de escrever, mas que demonstra um olhar bastante aguçado sobre a realidade e a atualidade. De Camillo Cesar Alvarenga, apresentamos 3 poemas que estão em seu livro *Flor de Búzios*, (no prelo). Apuro formal, escolha de um léxico que demonstra um olhar carinhoso e atento sobre a ancestralidade, mas sem desconectá-la com o tempo presente, sem estabelecer a ancestralidade no lugar de tradição intocável.

Por fim, a intenção da Revista Trilhos é chamar a atenção dos leitores para essas poéticas que estão à margem e, por estarem à margem, estão livres, produtivas, disruptivas. Estão, como queria Édouard Glissant, indo além das aparências e revelando e preservando o imaginário do mundo.

Eduardo Silveira

(Joinville – SC, 1990) é poeta e professor de Língua Portuguesa e Literatura. Autor de *Calopsita* (Bernúncia / Redoma, 2017) e *Tamanduás/Bandeiras* (Micronotas, 2019).



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Gravura em metal. Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

as causas pelas quais lutamos
têm causas

(as causas das causas
é por onde devemos começar)

é burra toda luta
que não para pra pensar

não há delícia
em milícias

não há charme
em marchas
de coturnos

a beleza e o prazer
estão em lutar
ao nosso bel-prazer

lutar e defender
o que nos dá na telha



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Gravura em metal. Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

contra os trilhos
que insistem em
atravessar nosso caminho

lutar por uma nova escrita da história
ou então assumir de uma vez
que o que temos até então
é uma história de ficção
um romance do mundo
um grande artigo da wikipedia
que pode e deve
ser alterado

(uma história com menos adornos
e mais Adornos)

64 é 1500
é 1888
e todas as datas são hoje
o bingo da história
começa muito antes
de livros, mapas, calendários

a história começa sempre antes
do que se escreve
perdem-se no ar os gestos iniciais

mas o gesto ainda é
nossa única e verdadeira arma

muito antes de tacapes e bombas
os gestos
lutar e defender
o que nos toca
mas não só:
o que nos chega pelos olhos nariz pele bocas pensamento
nosso coração vai sentir
sim
o que os olhos não viram
mas ouviram dizer
meteremos
sim
a colher onde não fomos chamados

se minha luta é a tua luta
a gente comemora:
somos irmãos
e não figura repetida
no álbum da História

contra isso
a arte pela arte
a luta pela luta
a luta a favor do luto
contra isso
também temos de lutar

dia e noite
até que a estrela exploda
haveremos de militar

militar
sem limites

abaixo a ditadura limitar

(in: Tamanduás/bandeiras)



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Bico de pena.
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

KUDRIAVKA

Laika, a primeira mulher,
contempla a terra do planeta SemNome
enquanto rói, preguiçosa,
o osso do último homem

nem a primeira nem a última
a ser mandada pro espaço
ontem mesmo, em qualquer rua,
partiu mais uma num esputinique

Laika, minha mãe,
a procurar calor
pelas ruas de Moscou,
Laika Franco,
a morrer todo dia
pelas ruas do Rio,

Laika Frank
Laika Freak
Laika Frio

Laika, a primeira cachorra,
contempla a dança de infinitos satélites
que o homem lançou, desesperado
a qualquer marte que servisse de apoio,
enquanto coça, prazerosa, sua pulga de estimação

Amaram mal os homens, como um serviço
amaram mal os planetas
como mal amaram suas mulheres e mães

Mas Kudriavka, a primeira anja,
não pensa nessas coisas
no planeta SemNome,
seu reino particular

Laika, lá, em pleno estado Laiko,
corre e ladra e brinca, livre, o dia todo
e à noite adormece
dando patadas no ar

(in: Tamanduá/Bandeiras)



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Bico de pena.
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

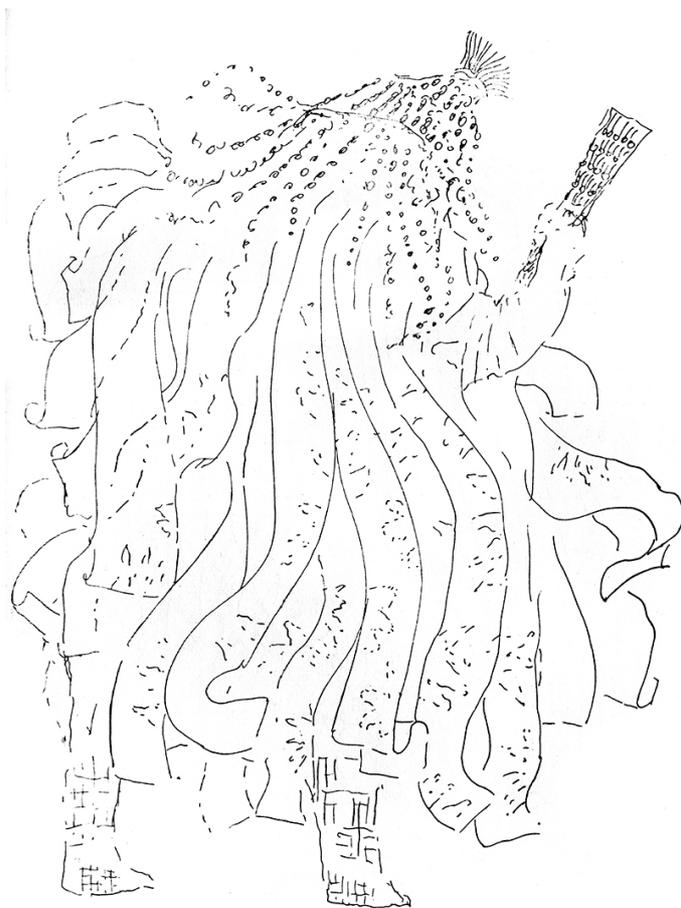
há no coração da floresta uma tribo sem nome. ao acordar, seus moradores saltam das redes apressados e atentos ao último dia de sua comunidade. mas nem por isso descumprem a rotina; para se desaparecer por completo do mapa é preciso muita organização e método. em seu último dia, cantam, dançam, louvam aos deuses e pedem clemência, na esperança de que mais um dia seja concedido. às pressas, desfazem-se de suas atuais relações e organizam novos casamentos que formam uma noite furiosa de amor a fazer até mesmo a Lua descer por um fio direto à cama. as crianças dormem abraçadas e com medo enquanto os velhos cantam pela última vez, quando despertam, saltam das redes apressados e atentos a mais um último dia de sua comunidade.

(in: *Tamanduá/Bandeiras*)

Camillo César Alvarenga

(1988, São Félix – BA) é poeta e tradutor e mestre em Sociologia pela UFPB.

Autor do livro de poemas *Sombros* (Edufrb, 2012), *Macumbe-se* (Kza1, 2018) e *Flor de Búzios* (no prelo, 2019)



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Bico de pena.
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

GRATIDÃO, GRANDE XAMÃ.

No grau zero cosmológico de tudo, a gente recomeça, depois de ler as páginas da mata nas palmas das mãos do mundo. E ayahuasca cura, conta gotas do agora, anti-pílulas de anfetaminas literárias. Doses homeopáticas de anti-auto-destrutivos. Pra quem odeia anti-depressivos, tem auto-ficção. Pra quem não conhece Amazônia, tem a solidão da ignorância. E pra quem ainda não entendeu que não adianta se não for índio, negro, mulher, trans, (ainda não entendeu nada): dá *game over* e volta pro início desta nossa eterna noite de mais de 500 anos...

Fevereiro, 2017

(in: *Flor de Búzios*)



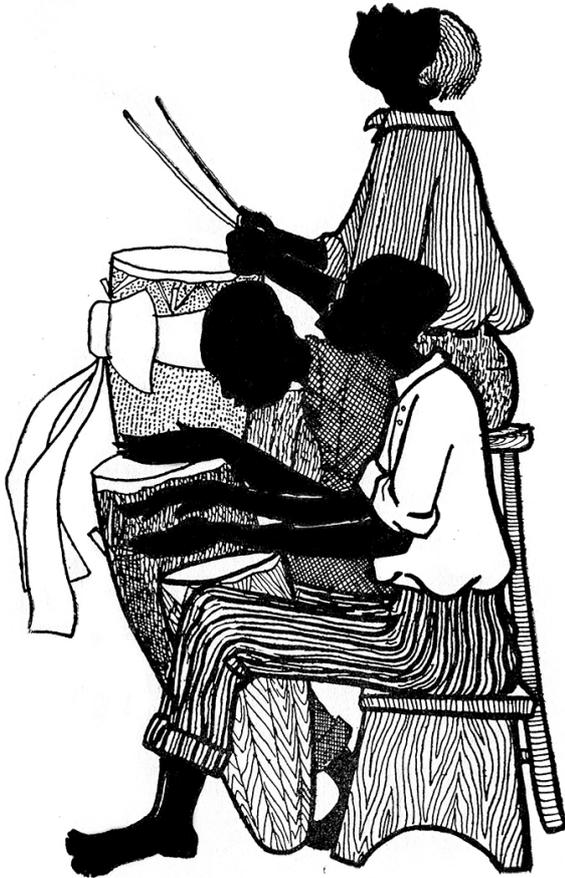
Lenio Braga. Sem título. Sem data. Bico de pena.
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

ODÉ

Foi uma noite atrás, apenas, que o Caçador se despediu do Elefante, e vendo-o seguir, como quem diz que ama, na cama, acendeu um cigarro indo em direção à janela, meditar, em vigília, o gosto da sua virilha quando os cílios tocam a penugem do sol e a sua carne, presa entre meus dentes, ensina que a língua alcança até os nervos mais íntimos em todo esse delírio, que durou apenas uma noite. Assim, como se diz volto logo, e leva-se duzentos anos deambulando pelas ruas do mundo, encantado, entre épocas e magias de esquinas e encruzilhas, seja em Lisboa, zona-leste ou no Recôncavo. No último conto que li para você, antes de dormir, a narrativa se extraviava por um único caminho, como a chuva que corre, sem volta, pelo meio fio, deixando

para trás seu rastro de lama, pegadas
e lixo a entupir os bueiros da saudade.
Não, não lamentos em balde, o verso é
uma cor do feixe de calor da luz de deus,
saindo de teus dedos quando tocam a pele
distraída das costas da amada, destilando
arrepios e sangrando escápulas, pás e
conduzindo a kundalini da medula ao cóccix,
num sonolento silêncio em que despertas em
fúria qual quem ainda em queda larga um coice,
bala ricocheteando pelas paredes do quarto,
pelo espelho do banheiro, pela porta da rua
em direção ao nada das matas, onde uma fera
em fogo mora à espreita do dia em que pelo
quintal, descendo a roça, de repente, um volume
assuma a forma mais comum e devore os sonhos
como o tempo a beleza consome e conserva, antes
mesmo de cantar o galo ou a primeira garça deixar
os galhos da última ilha onde fico ao pés das águas
inventando estas jangadas de palavras que ao longe
me arrastam como alguém que se deixa nas ondas
a compor com os ventos uma sinfonia de sangue
que liberta a paz do frio, do cativo e da ilusão.

(in: Flor de Búzios)



Lenio Braga. Sem título. Sem data. Bico de pena.
Fonte: Acervo pessoal Marcelo Brazil.

A TEMPO

É em poucas palavras,
que diz esta matéria que
sou, de toda sorte, viva
antes de acordar deste
sono num mundo mais
próximo e menos inexato
que este, que, em poucas
palavras, consome o vivo
nesta instituição chamada
Tempo, a que nenhum de
nós pode escapar, muito
menos em poucas palavras,
como este poema, a dizer
que o poeta está vivo e sangra,
o que é mais um sinal do dia,
antes que termine e uma nuvem
noturna cubra Lagos, Ifé ou Cuba,
onde o sol for, e o trague fumaçando

em voos de estreletras e luarinas
lamparinando os universos, em
poucas palavras, que a estas
horas não cansa de se expandir
em você, em mim, e nestas
poucas palavras que agora
se derramam do pensamento
e viram ação: esse estado de
alma a que tentamos aceder
a qualquer custo, já que, a essa
altura da subida, a sola dos pés
vai em carne viva e a ladeira
cada vez mais íngreme, as trilhas
suando verde os cipós das folhagens
nos pés das matas por onde passa
e vai adiante ao caminho o caçador
em busca da próxima aldeia e que,
em poucas palavras, em meio à bruma, ao
nada, ao caos mira sua única flecha
à luz – túnica da manhã na alvorada.

(in: Flor de Búzios)